

Gigantes também nascem pequenos

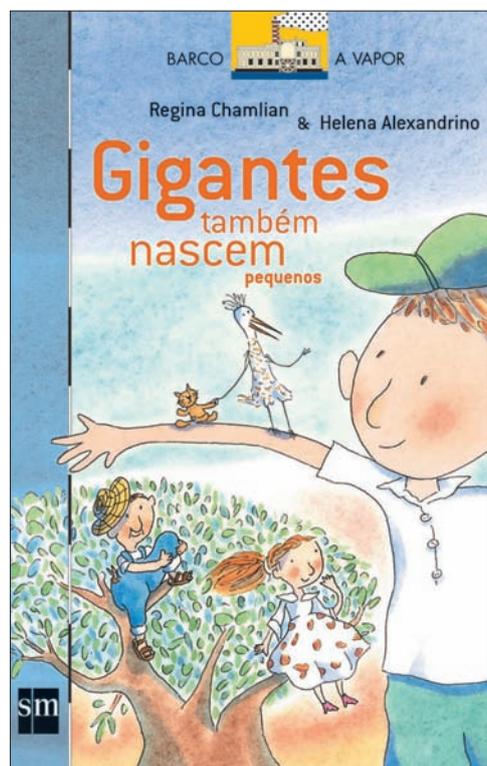
Regina Chamlian e Helena Alexandrino

Ilustrações Helena Alexandrino

Temas Solidariedade; Fantasia; Justiça/Recompensa



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Azul nº 14
128 páginas



O livro Como num roteiro cinematográfico, a autora e a ilustradora guiam os leitores por uma viagem fantástica, para um mundo incrível, que reúne anões, gigantes, animais falantes, magia e cenários encantados. A história do gigante Mindinho é um conto de fadas que revisita objetos mágicos e outros inúmeros elementos dos contos maravilhosos. Desses contos da tradição, a autora resgata valores imprescindíveis às sociedades de qualquer lugar e tempo, como a solidariedade e a justiça. Mas a tradição vem com uma linguagem renovada, com referências atuais, que estreitam a identificação do leitor com os personagens, seus dramas, sua força, evidenciando os valores que alinhavam a narrativa.

A AUTORA Regina Chamlian nasceu, vive e trabalha na cidade de São Paulo. Formou-se pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) e tem vasta experiência em cinematografia, como produtora, roteirista e diretora de filmes. No âmbito literário, tem 25 livros infantis publicados e é escritora premiada no Brasil e no exterior. Entre seus prêmios constam o Altamente Recomendável, da FNLIJ, e o White Ravens, da Biblioteca de Munique.

A ILUSTRADORA Helena Alexandrino também nasceu em São Paulo e formou-se em Artes pela ECA-USP. Dedicou-se à ilustração de livros, frequentemente em parceria com Regina Chamlian. Entre seus diversos prêmios constam um Jabuti, um da Mostra de Livros de Bolonha e duas indicações para o Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio da literatura infanto-juvenil.



Mergulhando na temática

CONTOS DE FADAS E CONTOS MARAVILHOSOS

“De origem celta, os contos de fadas apresentam uma problemática existencial: o herói ou a heroína precisa vencer obstáculos ou provas para alcançar sua auto-realização, por exemplo, o encontro do príncipe e a princesa em *A bela adormecida*, ou o encontro do seu verdadeiro eu, como em *A bela e a fera*. Geralmente a aventura da busca parte de uma metamorfose ou de um encantamento”.

“Os contos maravilhosos originam-se de narrativas orientais. Diferente dos contos de fadas, sua problemática é social: o herói ou anti-herói encontrará sua auto-realização na conquista de bens e de poder material como em *“Ali Babá e os quarenta ladrões”*. A aventura de busca, nesse caso, parte, geralmente, da necessidade de sobrevivência física ou da miséria dos protagonistas”.

“Assim, embora narrativas maravilhosas, o conto de fadas e o conto maravilhoso expressam atitudes bem diferentes diante da vida: no primeiro, ligadas ao ideal, aos valores eternos, ao espírito; no segundo, ligadas ao sensorial, ao concreto, à vida prática.”

Introdução ao estudo do conto maravilhoso *As mil e uma noites*
www2.fe.usp.br/~metport/mileuma.htm

INTERPRETANDO O TEXTO

UMA FAMÍLIA DIFERENTE

Gigantes também nascem pequenos é um título que desestabiliza a ordem das coisas. Afinal, no imaginário de qualquer leitor acostumado aos **contos maravilhosos**, gigantes são sempre grandes, fortes, ameaçadores. Neste caso, porém, de cara conquista-se a simpatia do leitor a favor da personagem central: um gigante-criança, inocente, indefeso, dependente.

Mindinho é essa criança-gigante e fica órfã de repente: seus pais são brutalmente assassinados pelo gigante Zarrão, um grandalhão cruel, estúpido e feroz, que foge em seguida levando com ele o cavalo-da-crina-ao-vento, a toalha-da-mesa-farta, a flauta-da-alegre-melodia e o baú de moedas de ouro da família.

Favo-de-Mel, um anão vendedor de panquecas, testemunha toda a tragédia e logo se ocupa de evitar que o pequeno gigante entre no castelo e encontre os pais assassinados. Para entretê-lo, o anão o conduz até sua casa no bosque e lhe prepara panquecas. Enquanto isso, pede à sua ajudante, a ave Gargalha, que entregue um bilhete à Serelepe Cereja, sua ex-mulher.

Serelepe Cereja é uma famosa titereira (artesã de fantoches), dona de casa caprichosa, que vive na copa de uma jaqueira. Inicialmente fica brava ao receber o bilhete pelas “mãos” da gralha, mas, assim que percebe que Favo pode estar em perigo, corre ao seu encontro.

A anã recebe uma dura missão: contar a Mindinho sobre a morte dos pais. Só ela saberia como fazer isso, por ser mais afetiva e cativante. No velório, os familiares e amigos do casal morto ficam com pena do pequeno gigante, mas quando são informados de que o patrimônio da família tinha sido roubado, simplesmente se desincumbem e decretam que Mindinho deve ficar aos cuidados do casal de anões.

Sem alternativa, Favo-de-Mel, Serelepe Cereja e Gargalha mudam-se de mala e cuia para o castelo de Mindinho, onde cada tarefa se torna uma aventura. Depois de um período de adaptação, todos se acomodam e a prioridade passa a ser a educação do menino, já que não havia escolas pelas redondezas.

Certo dia, porém, o menino encontra um velho álbum de fotografias e, ao ver as fotos de seus pais com ele ainda pequeno, fica muito triste. O tempo passa, e sua tristeza só aumenta. Nem o teatro de marionetes que os amigos lhe preparam no dia do

PALAVRAS MÁGICAS

A língua é um código. Quando a colocamos em uso, passa a ser linguagem e aí se torna mágica, tamanha a gama de funções que exerce. Usamos a linguagem para registrar o que não se quer esquecer, para convencer as pessoas de algo, para comunicar acontecimentos, para ensinar a fazer coisas, para relatar situações vividas, para fazer poesia, entreter, brincar.

O português originou-se do latim, dialeto falado por pastores de uma região da Itália. Com a expansão do império romano, o latim foi imposto como língua oficial dos territórios conquistados. Ao longo do tempo, sofreu transformações e deu origem ao italiano, espanhol, francês, português e romeno. Com as expansões territoriais de Portugal, o português tornou-se uma língua falada em vários pontos do mundo: além do Brasil e Portugal, em Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe (na África); Macau, Goa, Damão e Diu (na Índia), e Timor (na Oceania).

seu aniversário consegue alegrá-lo. Inconformada, Serelepe Cereja decide ir atrás do gigante Zarrão para recuperar o que ele roubou, sobretudo a flauta mágica, capaz de encher de alegria aqueles que ouvem sua melodia. Em segredo, ela parte com o gavião Penacho em direção ao castelo do gigante malvado. Deixa apenas um bilhete com Gargalha, que só deverá ser aberto se ela não voltar dentro de sete dias.

Chega o sétimo dia e Favo-de-Mel fica sabendo da louca aventura da amiga. Para salvá-la, o grupo todo inicia uma jornada perigosa, que dá novo movimento à narrativa, pois o anão, a gralha e Mindinho percorrem florestas e enfrentam grandes desafios para salvar seus amigos.

No castelo do gigante, encontram Serelepe Cereja e o gavião prisioneiros. Favo-de-Mel também é capturado. A esperteza do casal, porém, rende-lhe a pista para a salvação: o esconderijo da “morte” do vilão.

Como nos **contos de fadas**, o enfrentamento do medo, a obstinação e a fidelidade são as qualidades primordiais que os levam à salvação e à recuperação de pelo menos parte dos objetos roubados. Para trás fica o baú de moedas de ouro, mas, como não poderia deixar de ser, o mais importante — a felicidade e o alimento — fica garantido com o resgate da flauta-da-alegremelodia e da toalha-da-mesa-farta.

Na garupa do cavalo-da-crina-ao-vento voltam para casa e ponderam:

“Valeu a pena?/ Tudo vale a pena/
Se a alma não é pequena”.

TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Esse breve resumo faz ver que o conto propõe um encontro entre a tradição e a contemporaneidade. Ao lado de alguns dos elementos essenciais dos contos de fadas — imprecisão temporal (não há referência sobre quando se passam os fatos narrados), personagens e cenários fantásticos, domínio do sobrenatural, **palavras mágicas** e encantamento — há uma série de referências a elementos da atualidade: Mindinho não tem escola para frequentar que fique perto de sua casa, a escrita é de domínio público (sabe-se que até a Idade Moderna não havia escolas e que a escrita era privilégio de sábios e nobres), os pais naturais, os Gigantes, têm um álbum de fotos e os pais adotivos são separados.

Esse encontro entre o velho e o novo fica ainda mais ressaltado diante da forte presença dos versos de **Fernando Pessoa** que fe-

FERNANDO PESSOA

(1888–1935), poeta português que colaborou para a modernização da poesia. Suas características são a reflexão sobre a condição humana e o sentido da vida, e o questionamento de valores sociais. Seu lado patriótico culminou na publicação do livro *Mensagem*, no qual cria uma versão gloriosa para a história de Portugal. Dessa obra, o poema mais conhecido é “Mar Português”, no qual estão os versos citados na narrativa:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mãos choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Para saber mais

www.secrel.com.br/jpoesia/fpesso.html
www.casadobruzo.com.br/poesia/f/mensa.htm

cham a narrativa como que para atualizar o que sempre foi e será importante para a humanidade. Aliás, o que é a boa literatura senão o resgate e a possibilidade de (re)significação de valores essenciais?

No caminhar da narrativa, os versos de Pessoa parecem convidar para um paralelo entre a aventura de marujos portugueses que atravessaram mares desconhecidos e temerosos, no cumprimento de sua missão: a conquista e a aventura dos personagens para o extremo do mundo, onde se ergue o castelo de Zarrão. Se os marujos portugueses deviam enfrentar os monstros do mar, as personagens devem enfrentar A-COISA-QUE-MORDE, uma fera que guarda a chave do castelo e enxerga quando seus olhos estão fechados. Além disso, não deve ter sido apenas por uma vez que os marujos lusitanos, a exemplo de Mindinho, tenham fechado os olhos e se concentrado em palavras como as de Favode-Mel: “Fantasmas são feitos de vento. (...) Não lhe farão mal algum se você os mandar às favas e se ocupar com o que deve ser feito” (p. 113).

Os versos de Fernando Pessoa também fazem com que as duas aventuras, a portuguesa e a dos personagens do livro, se entrelacem com nossas aventuras cotidianas, pois as criaturas dos mares, o Zarrão e os monstros de nosso dia-a-dia devem habitar o mesmo castelo, e o antídoto para neutralizá-los é uma poção mágica que leva coragem, determinação, generosidade, amizade — valores que atravessam o tempo e que, não por acaso, estão presentes nas histórias desde que Era-uma-vez.

Marujos, gigantes, anões e leitores, estamos todos num mesmo barco no que diz respeito ao que se supõe essencial àqueles que não têm alma pequena.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Depois da apresentação do livro, com comentários sobre autora, ilustradora, coleção, editora e ano de publicação, pode-se refletir sobre o conteúdo do livro a partir do título e dos conhecimentos prévios dos alunos sobre contos de fadas e levantar um sem-fim de encaminhamentos da narrativa, como por exemplo:

- Que personagens podem fazer parte da história?
- Que cenários são comuns em histórias em que aparecem gigantes?
- Que tipo de problemas as personagens enfrentam e como costumam resolvê-los?

Ainda que sejam apenas hipóteses, elas ajudam o leitor menos experiente a compreender o texto, pois ele vai, ao longo da leitura, confirmando ou não o que antecipou.

Outra possibilidade para inaugurar a leitura seria antecipar os versos de Fernando Pessoa e buscar estabelecer algumas relações entre eles e o ato de ler propriamente dito, ou seja, com que estado de espírito adentramos uma viagem literária. Certamente usufruímos mais os textos quando abrimos mente e coração para novas experiências. Caberia, também, contar aos alunos em que contexto esses versos foram escritos (lugar, época, motivação do autor), sobre o que falam, por que se tornaram tão conhecidos.

DURANTE A LEITURA

Na leitura compartilhada, sugere-se que os alunos dêem novos títulos aos capítulos, enfatizando o que de importante aconteceu a cada segmento da história. Além disso, podem imaginar o que vem a seguir. Esse trabalho possibilita que eles discutam e negociem significados, e contribui para que aprendam a sumarizar o texto.

Para o registro dessa discussão, os alunos poderiam fazer uma ilustração para cada capítulo e uma breve legenda para os desenhos. Ao final da leitura, teriam um livro ilustrado e resumido, o que pode proporcionar uma revisão do conto.

Na leitura compartilhada, também é indicado que os próprios alunos leiam em voz alta para que os colegas acompanhem. Para isso, os leitores da vez devem preparar-se com antecedência, sendo avisados do trecho que lerão para ensaiarem em casa.

Brincar com as palavras também é uma atividade importante e divertida para crianças em idade escolar, pois as faz descobrir possibilidades do jogo sonoro, visuais e, sobretudo, de sentido. A partir dos versos da página 77 — “Ó, rio/ deus dourado/ o que seria de nós/ sem sua líquida voz?” — pode-se perguntar aos



alunos como seria a voz da chuva, do raio, do mar, do vento, da fada, do gigante, da mãe...

Vale também perguntar quais são as palavras mágicas que conhecem. Além do clássico “abracadabra”, é divertido inventar como fez a autora: “Upa, garupa/ pra cima,/ chalupa.” (p. 89) ou “Riacho,/ capacho,/ chalupa,/ pra baixo.” (p. 122).

DEPOIS DA LEITURA

Trocar opiniões sobre o livro é uma prática que ajuda os leitores a identificar aspectos de que gostam ou não na literatura em geral, e a estabelecer critérios para poderem opinar. Pontuar os tópicos que vão sendo citados (personagens, linguagem, ilustrações, ritmo, resolução do problema central etc.) e escrever uma pequena resenha, abordando alguns desses aspectos, ajuda a organizar o conhecimento.

Contudo, a produção de um resumo deve ter uma função social, ou seja, servir para que outros leitores conheçam uma ou mais opiniões sobre o livro. Assim, não é interessante que cada aluno escreva a sua, mas que, a cada livro, um pequeno grupo fique responsável por contribuir para o acervo de resenhas da classe, da biblioteca ou de comunidades virtuais. Existem *sites* abertos que aceitam e editoram resenhas infantis e é muito gratificante para as crianças ver seus textos publicados para esfera de leitores mais ampla.

ELABORAÇÃO DO GUIA ELLEN ROSENBLAT (PROFESSORA DE LEITURA, ESPECIALISTA EM ANÁLISE E PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS); PREPARAÇÃO DULCE SEABRA; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E GISLAINE M. DA SILVA.

